

INTERCOM, 20 anos: pluralismo, globalização, dentidade

JOSÉ MARQUES DE MELO

*(Fundador e Presidente de Honra da INTERCOM –
Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)*



Há 20 anos, a cidade paulista de Santos foi cenário de um evento decisivo para a consolidação da comunidade brasileira das Ciências da Comunicação. Ali efetivou-se o I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (CECOM), encontro que originou, poucos anos depois, o INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este ano, de 1 a 7 de setembro, Santos voltou a ser o palco dessa reunião, assumindo agora o perfil de megaevento. O INTERCOM'97 terminou sendo carinhosamente chamado de SBPC da Comunicação.

Tal espaço ganhou legitimidade nacional, congregando, além do histórico CECOM, aquilo que representa o coração da entidade: os cerca de 30 GTs-INTERCOM - Grupos de Trabalho em Ciências da Comunicação. Ali se reúnem as micro-comunidades dos cientistas brasileiros da comunicação, disseminando e debatendo os resultados das

pesquisas que efetuam nas disciplinas mono/comunicacionais (do Jornalismo à Propaganda e da Semiótica à Teoria da Comunicação) e nos núcleos inter/trans/ disciplinares que propiciam o diálogo da Comunicação Social com outros campos do saber (Comunicação e Educação, Comunicação e Étnia, História e Comunicação, Economia das Comunicações, Mídia e Esportes etc.).

Mas a dinâmica das ciências da comunicação no Brasil demandava outros espaços para abrigar os jovens cientistas atuantes em diferentes patamares da universidade, da graduação à pós-graduação. Foram assim agregados novos eventos anuais: INICIACOM - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação; EXPOCOM - Exposição Universitária da Pesquisa Experimental em Comunicação; INOVCOM - Seminário de Inovações Científicas em Comunicação; ENDOCOM - Encontro Nacional de Documentação em Comunicação Social; e PÓSCOM - Seminário sobre as Tendências da Pesquisa em Comunicação nos Cursos de Pós-Graduação.

Isso traduziu a marca principal da identidade acadêmica construída pela INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação -, ou seja, o pluralismo. A força adquirida, em duas décadas, por essa sociedade científica que integra o pool das entidades nacionais aglutinadas em torno da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência -, advém justamente da sua capacidade de fomentar o multi-diálogo. Não apenas interdisciplinar, mas também intergeracional e sobretudo internacional.

Se, no primeiro triênio da sua história, a INTERCOM manteve-se restrita às fronteiras nacionais, isso refletiu a conjuntura política brasileira, caracterizada pelos estertores do regime militar. Os nossos primeiros encontros foram quase clandestinos, temendo as represálias da polícia política. Vale recordar que a fundação da INTERCOM, em 1977, ocorre no momento em que até mesmo a Reunião Anual da SBPC havia sido proibida. Vivíamos sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional.

O ambiente se desanuviou, pouco a pouco, a partir da anistia política de 1979. E aproveitamos as "brechas" do sistema para inaugurar a nova face da nossa entidade, dando ao encontro de 1981 uma fisionomia internacional. Pela primeira vez contamos com a presença de pesquisadores de outros países: Alfredo Paiva (Argentina/Peru), Armand Mattelart (França), Gerd Gerhard (Alemanha), Javier Esteinou Madrid (México), Joaquim Rocha Maciel (Portugal), Jorge Gomez Maldonado (Colômbia), Rafael

Roncagliolo México/Peru) e Tatiana Galvan (México). No ano seguinte, a interface com os cientistas estrangeiros atrairia personalidades como Everett Rogers, Emile McAnany e Joseph Straubhaar (EUA), Nestor Garcia Canclini (Argentina/México), Peter Schenkel (Alemanha/Equador), Juan Gargurevich (Peru), Diego Portales (México/Chile), Arturo Matute e Humberto Reyes Torres (Chile), Maria Cristina Mata (Argentina/Peru) e Cumanda Gamboa (Equador).

Durante os anos 80 e ao longo da década de 90, a cooperação internacional se ampliaria, assumindo um caráter orgânico. Independente da presença individual de cientistas estrangeiros em nossos congressos, a INTERCOM promoveu a assinatura de convênios com grupos ou sociedades congêneres de outros países. Dessa iniciativa nasceriam os colóquios bi-nacionais, realizados alternadamente em nosso território ou além-fronteiras: Brasil/México, Brasil/França, Brasil/Espanha, Brasil/Dinamarca, Brasil/Portugal e este ano Brasil/Itália.

Mas a INTERCOM sempre teve presente a inserção nacional na comunidade científica internacional. Por isso mesmo, vem procurando fortalecer a ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. O primeiro congresso dessa entidade foi realizado no Brasil, em 1992, na cidade de Embu-Guaçu/SP; o quinto está previsto para 1998, em Recife/PE. Da mesma forma, tratou de abrir espaços para acelerar o fluxo globalizado das ciências brasileiras da comunicação; nesse sentido é que abrigamos, em 1992, na cidade de Guarujá/

SP, o congresso mundial da nossa comunidade acadêmica, patrocinado pela IAMCR - International Association for Media and Communication Research. E temos marcado presença nos congressos posteriores: Seul (1994), Sidney (1996), estando em marcha os preparativos para o envio de uma delegação expressiva ao congresso de Glasgow (1998).

Globalização não significa absolutamente perder a identidade. Ao contrário, a emulação para preservar as nossas singularidades culturais advém justamente desse confronto com parceiros diferentes. Se neles encontramos características semelhantes às nossas, vale dizer: universais, também temos oportunidade de vislumbrar o que nos diferencia de muitos povos ou o que nos aproxima de alguns deles. Por isso mesmo é que a INTERCOM tem procurado estreitar laços acadêmicos com países dotados de matrizes culturais identificadas com as nossas. Inicialmente, procuramos resgatar as nossas raízes ibéricas, promovendo os IBERCOM - Encontros Ibero-Americanos de Ciências da Comunicação: São Paulo (1986), Florianópolis (1989) e Santos (1997).

Dentro desse espaço geocultural, passamos agora a estreitar nossa colaboração com a pátria-mãe: Portugal. Este ano levamos uma delegação de 40 cientistas brasileiros a Lisboa para participar do I LUSOCOM - Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação; no próximo ano, vamos atuar como anfitriões, recebendo em Aracaju/SE, os nossos irmãos lusitanos, não apenas oriundos de Portugal, mas, esperamos, também provenientes dos

PAOLPs - Países Africanos de Expressão Portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe).

Faltava, contudo, uma ofensiva destinada a superar nossa distância em relação aos vizinhos de tradição ibérica, situados no Conesul da América. Desde o Tratado de Assunção, assinado em 1991, o Brasil associou-se à Argentina, ao Paraguai e Uruguai para constituir o Mercosul, bloco megaregional estruturado nos moldes da EU (European Union) e NAFTA (North American Free Trade Agreement).

A presença de cientistas argentinos, uruguaios e paraguaios em nossos congressos anuais teve, até recentemente, caráter episódico. As rivalidades históricas entre os nossos países talvez tenham prevalecido como obstáculos para a institucionalização do diálogo intraregional. Mas na verdade a causa maior foi sem dúvida a incipiência dos estudos de comunicação nas suas universidades e a conseqüente ausência de comunidades acadêmicas institucionalizadas.

O degelo foi provocado no ano passado, quando o INTERCOM'96, realizado em Londrina/PR, abrigou o I ENPECOM - Encontro de Ensino e Pesquisa da Comunicação no Mercosul. A iniciativa coube à Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, sediada no campus da UEMESP - Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo/SP. Motivados pela temática do próprio congresso "Políticas Regionais de Comunicação", achamos que valia a pena convidar professores/pesquisadores dos países vizi-

nhos, já incluindo o Chile (que acabava de aderir ao Mercosul), para um diálogo franco aberto sobre a constituição de uma comunidade acadêmica megaregional no âmbito das ciências da comunicação.

As expectativas implícitas eram as de que cabia ao Brasil, pelo acúmulo de experiências organizativas, tomar a liderança desse movimento. Os meus colegas da diretoria da INTERCOM assumiram esse desafio como uma missão histórica, decidindo fazer do congresso de Santos um megaevento que simbioticamente acolheria os cientistas da comunicação de todo o Mercosul.

Daí a decisão de marcar o INTERCOM'97 por uma fisionomia dúplice, assumindo também a identidade de MERCOSUL 1. A idéia é que, a partir de agora, todos os eventos setoriais desse congresso deixarão de ser exclusivamente brasileiros.

O megaevento promovido pela INTERCOM ampliou-se efetivamente para acolher contribuições dos parceiros históricos do Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai) e também dos candidatos a esse bloco vocacionado para fortalecer a cooperação econômica sul-americana (Chile, Bolívia, Venezuela e Peru). Se o MERCOSUL 1 já inseriu no VIII Encontro dos GTs de Ciências da Comunicação papers de vários cientistas mercosulinos, espera-se que ao MERCOSUL 2, em Recife, acoirram não apenas os pesquisadores seniores, mas também os pesquisadores juniores que podem inscrever-se na INICIACOM - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação Social, no INOVCOM - Semi-

nário de Inovações Científicas em Comunicação e na EXPOCOM - Exposição Universitária da Pesquisa Experimental em Comunicação. O incremento da participação mercosulina vai depender, em grande parte, da iniciativa dos coordenadores dos GTs-INTERCOM e dos demais eventos segmentados no sentido de criar mecanismos que estimulem a presença dos pesquisadores de países vizinhos nos nossos próximos congressos: Recife (1998), Rio de Janeiro (1999) e Manaus (2000).

Uma faceta singular do MERCOSUL 1 foi a disposição para o diálogo inter-regional, consentâneo aliás com o perfil de uma sociedade que se globaliza aceleradamente. Precedendo os eventos marcantes do INTERCOM'97, realizamos em Santos, com o apoio decisivo do jornal local A Tribuna, o I Colóquio Mercosul-Nafta de Ciências da Comunicação. Trata-se de uma iniciativa conjunta das Cátedras UNESCO de Comunicação sediadas em países dos extremos das Américas: Canadá, México, Uruguai e Brasil. O colóquio foi respaldado naturalmente pela INTERCOM e pela instituição-sede - UNISANTOS -, ademais da Oficina Regional de Comunicación de la UNESCO para América Latina (Quito) e da ORBICOM - Worldwide Network of Communication Chairs and Associates (Montreal). Durante os dias 29, 30 e 31 de agosto, no Parque Balenário Hotel, estiveram reunidos acadêmicos, profissionais, empresários, funcionários do governo e agentes das ONGs, com a finalidade de estabelecer pontes de dupla-mão entre as universidades e as

empresas midiáticas.

Pretendia-se reduzir o gap entre a pesquisa comunicacional produzida na academia e o conhecimento assimilado pelas organizações multimídia ou pelas microempresas do ramo. Ao mesmo tempo, desejava-se capitalizar as experiências universitárias dos dois blocos megaregionais, articulando programas de cooperação científica e integração profissional.

Os pesquisadores oriundos do México, Canadá e Estados Unidos expuseram avanços em matéria de cooperação intraregional. Destacam-se o Projeto Monarca, ação bilateral México-Canadá destinada a avaliar o impacto do TLC (Tratado de Libre Comercio) nas estruturas midiáticas dos dois países. E também a Cátedra de Jornalismo Internacional, criada na Universidade do Texas para potencializar a cooperação dos USA com os vizinhos do sul, num cenário que antecipa a ALCA (Aliança para o Livre Comércio das Américas).

Por sua vez, os pesquisadores oriundos da Argentina, Paraguai e Uruguai descreveram ações em processos, algumas delas transformando a sociedade civil em agente vanguardista do Mercosul Cultural/Comunicacional, frente à omissão dos governos nacionais, mais preocupados com questões meramente

tarifárias, alfandegárias ou assemelhadas. Mas também os brasileiros convidados trataram de colocar em evidência a nossa própria agenda. Do lado da universidade são projetos de pesquisa ou formação de recursos humanos que estão em desenvolvimento na UFRGS, PUC-Minas, PUC-RS, UMESP, UFBA ou UnB. Do lado empresarial são iniciativas bi/pluri/nacionais que potencializam parcerias, como as da Gazeta Mercantil Sul-Americana e do pool de agências publicitárias mercosulinas liderado pela DPZ. Do lado sindical são as articulações corporativas capitaneadas pela FENAJ.

Mas a essência do I Colóquio Mercosul/Nafta de Ciências da Comunicação foi sem dúvida abrir canais de cooperação capazes de reduzir a distância entre a universidade e o sistema produtivo. Isso significa desafiar os pesquisadores midiáticos a intervir num universo paradoxalmente globalizado/regionalizado, cuja dinâmica situa o complexo comunicacional/informacional no centro das decisões sobre a natureza da sociedade que se prenuncia para o próximo século.

Ao comemorar seus primeiros 20 anos com tal envergadura, a INTERCOM demonstrou fôlego suficiente para continuar fazendo História.

20 Anos da Intercom*

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA
(Correspondente da Folha de S. Paulo em Washington)



Como editor de jornais, sempre tive uma certa prevenção por efemérides. Porque a efeméride é a antinotícia, o não-evento. Nada mais previsível do que um aniversário. É tão certo quanto o sol nascer e se pôr todos os dias. Quem se interessa em ler um texto com o título: "Intercom comemora vinte anos em Santos"? Só os sócios da Intercom, talvez. Depois que eu virei correspondente de jornal nos EUA minha antipatia só fez aumentar porque agora eu sou obrigado a escrever sobre as efemérides: 30 anos do lançamento do filme "A primeira Noite de Um Homem", 20 anos da morte de Elvis Presley e assim por diante. Acho que a geração a que pertencço, a chamada geração do *baby-boom*, pessoas nascidas entre o fim da Segunda Guerra Mundial e 1960, a mais auto-centrada geração da história humana, gosta tanto de efemérides porque elas são uma forma de automassagem do ego coletivo. Essas comemorações nos permitem a todos reviver nossos tempos heróicos: como éramos maravilhosos, fe-

lizos, ousados, revolucionários, como participamos de movimentos sociais que pareciam estar transformando o mundo, como os nossos anos dourados brilharam.

Por isso, vim a Santos participar desta festividade com um pouco de receio. Mas, no final dos contos, como eu sou um legítimo *baby-boomer*, não posso negar que o massageamento do ego coletivo me deixa satisfeito. É muito bom, em especial para quem se afastou tanto até geograficamente do convívio acadêmico, reencontrar os amigos com quem se teve tanto em comum no passado. No entanto, seria bom se o espírito crítico que deu o norte às minhas preocupações 20 anos atrás pudesse prevalecer até neste ambiente de comemoração. Espero que estas notas preparadas para a abertura deste congresso possam ser algo mais do que uma homenagem aos fundadores da Intercom e contribuir para um debate ativo do papel que a entidade representou nestas duas décadas e o que lhe resta fazer no futuro.

A Intercom nasceu como produto da frustração de um grupo de professores com as condições de ensino e pesquisa da universidade

* Texto da conferência de abertura do XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, proferida no dia 03 de setembro de 1997.

brasileira dos meados da década de 70. Ela também surgiu como um dos muitos canais de expressão que a sociedade civil brasileira criava naquela época para servirem como respiradouros democráticos num período em que as instituições estabelecidas, como as acadêmicas, estavam sufocadas pelo medo e pela repressão gerados no regime militar. Seu aparecimento refletiu, ainda, a emergência de um campo de estudos recente, o da Comunicação, que começava a despertar o interesse de um grupo crescente de intelectuais, devido em especial à importância que os meios de comunicação de massa passavam a ter para a cultura, a política e a vida social no país. Por último, mas não menos importante, a Intercom foi o resultado do voluntarismo de alguns jovens pesquisadores que acreditavam na necessidade de fazer coisas para se melhorarem e melhorarem o mundo.

O começo foi muito difícil. Não éramos muito mais do que dez os que nos reuníamos aos sábados à tarde na Faculdade Cásper Líbero para formular um ideário, redigir os estatutos, conceber projetos e até bolar o nome da Intercom. Entre os mais assíduos, estávamos: eu mesmo, José Marques de Melo, J. S. Faro, que escreveu a mais importante análise sobre a Intercom até agora já produzida, com um título brilhante - "A Universidade Fora de Si", e que agora assume, com todos os direitos e méritos, a presidência da entidade que ele tanto ajudou a criar), Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato, professor Erasmo de Freitas Nuzzi, Marisete Morel, Angela Cassiano, Manolo Morán, Raul Fon-

seca e Francisco Morel, que já não pode mais estar aqui comemorando este aniversário. Éramos ambiciosos, porque pensávamos, já naqueles primórdios, na possibilidade de fazer da Intercom uma entidade nacional (numa área restrita em que já havia pelo menos outras duas em funcionamento, a Abepec e a UCBC) e que não se restringisse aos acadêmicos da área de comunicação (a interdisciplinaridade sempre foi um conceito essencial, como o nome da sociedade já indicava claramente) numa época em que professores das escolas de comunicação eram vistos (e às vezes tratados) com desprezo pelos colegas de outros campos das ciências sociais no Brasil.

Quem pára para recordar como se vivia no Brasil naqueles tempos não pode deixar de se impressionar com o volume de mudanças que ocorreram nessas duas décadas no país. As entidades criadas ou usadas para arejarem a produção científica cumpriram sua missão. A universidade se tornou um espaço incomparavelmente mais livre para se debater idéias. Uma das vítimas do autoritarismo no ambiente acadêmico até chegou à Presidência.

Nos primeiros anos, tivemos que lutar com enormes dificuldades materiais. Falando na semana passada durante o Colóquio Mercosul/Nafta, no luxuoso Parque Balneário, me lembrei dos dias, em outubro de 1978, que o professor Sá Porto e eu passamos em busca de um hotel bem menos caro onde pudéssemos realizar o primeiro congresso da Intercom (na época ainda se chamava Ciclo de Estudos). Ficamos no Maracanã, se a memória não me fa-

lha. Os participantes do I Ciclo foram 43, dos quais apenas 5 de fora do Estado de São Paulo. Sempre que penso naquele primeiro ciclo de estudos, cujo tema central foi a questão do ensino de comunicação no Brasil, me lembro de uma infundável polêmica que travei com Jeanne-Marie, na qual ela me acusava de ser positivista. Na época, considerava aquilo quase uma ofensa. Hoje, após alguns anos de análise, se não chego a considerar elogio, pelo menos devo reconhecer que o adjetivo descreve de modo mais ou menos acurado algumas características de minha personalidade intelectual, principalmente naquela época.

O progresso obtido pela entidade nos primeiros cinco anos de vida foi extraordinário. Em setembro de 1982, a Intercom nacional já era uma realidade absoluta e o V Ciclo de Estudos avançava em direção ao mundo. Dos 165 participantes daquele encontro, 20 vieram do exterior: EUA, Alemanha, Portugal, México, Equador, Chile, Argentina e Uruguai. Antes, em 1981, a Intercom já havia trazido ao Brasil o pesquisador belga Armand Mattelart, radicado no Chile de 1962 até o golpe militar de 1973 e depois em França, sem dúvida o autor mais influente na área de comunicação na América Latina nas décadas de 70 e 80. Sua visita em 1982 teve para os acadêmicos da área de comunicação no Brasil importância comparável à de Jean Paul Sartre para os estudiosos brasileiros de literatura na década de 50. Sem a menor sombra de dúvida, a Intercom teve papel preponderante no fenômeno observado em 1990 por Steven Chaffee, da Universida-

de de Stanford, em artigo para o *Journalism Quarterly*: "Tem ocorrido uma mudança no caráter da pesquisa de comunicação na América Latina na última década (a de 80) em direção à auto-suficiência intelectual construída em torno de pesquisadores, instituições e publicações críticas".

Graças ao trabalho de diversos dos seus sócios, e aqui eu gostaria de destacar os nomes de dois, Regina Festa e Luiz Fernando Santoro, a Intercom passou a servir de ponto anual de intercâmbio de idéias de alguns dos mais importantes pesquisadores de comunicação da América Latina e dos EUA. Nomes como os de Emile McAnany, Joseph Straubhaar, Everett Rogers, Néstor García Canclini, Rafael Roncagliolo, Fernando Reyes-Matta, Javier Esteinou Madrid, sem contar, é claro, os brasileiros, passaram a ser comuns nos programas dos ciclos e depois congressos da Intercom. O Brasil passou a ter presença cada vez mais destacada em encontros mundiais de pesquisadores da comunicação.

Em 1988, a delegação da Intercom ao encontro bianual da Associação Internacional para Pesquisa em Comunicação de Massa (IAMCR), em Barcelona, teve atuação destacada e conseguiu estabelecer vínculos institucionais com entidades de vários países da Europa, em especial França. Em 1992, graças ao esforço dos dirigentes da Intercom, em especial de José Marques de Melo, a IAMCR se reuniu no Guarujá e o Brasil foi o segundo país com maior número de trabalhos aceitos para publicação, logo após os EUA e acima de Espanha,

França, Canadá e todos os outros participantes.

A produção nacional foi sendo registrada pela Intercom na forma de livros e das publicações periódicas da entidade: primeiro, o boletim (algumas folhas mimeografadas no início, depois um caderninho grampeado), os cadernos monotemáticos, até se chegar à revista, que se deve muito à persistência de Anamaria Fadul, sempre inconformada com a pobreza estética da produção editorial dos tempos pioneiros da entidade. Essa produção consolidou um pensamento brasileiro na área de comunicação que tem ajudado o país a entender melhor a si mesmo, na medida em que é capaz de decifrar o que são seus jornais, sua televisão, seu cinema, sua publicidade. Ainda na linha das publicações, não se pode deixar de registrar o extraordinário trabalho da Bibliografia Brasileira de Comunicação, que se transformou no exemplar Port-Com, o Centro de Documentação em Comunicação de Língua Portuguesa, fruto da perseverança extraordinária de José Marques de Melo, que já é um recurso indispensável a qualquer estudioso na área e será ainda mais para as futuras gerações de pesquisadores que, talvez, nem cheguem a ter noção do quanto foi difícil realizar essa obra notável nas condições em que ela foi realizada, o quanto de paciência, de obstinação se exigiu de Melo e sua equipe de bibliógrafos para que esse trabalho se concretizasse.

No entanto, apesar de tanto sucesso, passados 20 anos, muita coisa ainda permanece parecida com o que se observava em 1977. “O

ensino de comunicação encontra-se mergulhado numa crise profunda, crônica e endêmica”, dizia a apresentação do livro com os trabalhos debatidos no I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. “Os sintomas estão aí, cristalinos, para qualquer um que possa e queira vê-los”, continuava o documento, que depois listaria as evidências da crise.

Muitos deles se mantêm, nesta segunda metade da década de 90, apesar do muito que foi feito no período com o objetivo de eliminá-los. O primeiro ponto, por exemplo, “a insatisfação geral de alunos, professores, associações profissionais e organizações empresariais... com a qualidade do ensino ministrado”. Embora eu tenha estado fora do Brasil nos últimos seis anos, contatos frequentes com participantes do processo de ensino de comunicação no país me levam a concluir que um diagnóstico rigoroso dele chegará a conclusões bastante similares às de 20 anos atrás. Se a qualidade do jornalismo produzido no país, por exemplo, guarda alguma relação com a do seu ensino nas escolas, talvez seja até possível afirmar que a situação piorou em relação àquele tempo.

As manifestações de tal insatisfação, o segundo sintoma detectado pelos coordenadores do primeiro livro da Intercom, mudaram com o tempo. Greves e denúncias deixaram de ser tão constantes, talvez como resultado do processo de “desideologização” verificado no meio estudantil brasileiro na década de 80 e, principalmente, depois do fim da Guerra Fria, perdida pela esquerda, a qual se valia desses

métodos. Nem por isso, a insatisfação com as escolas é menor. O confronto sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo, por exemplo, - independente de motivações pessoais ou objetivos casuísticos que possam ter movido alguns de seus atores - mostrou a até que ponto o mercado de trabalho rejeita o egresso das escolas de comunicação. Quase todas as grandes empresas do país atualmente ou ignoram a lei do diploma ou montaram seus próprios cursos de especialização, criados com o objetivo de suplementar ou mesmo substituir os cursos de graduação em jornalismo.

O terceiro sintoma da crise do ensino de comunicação na década de 70 era "a dependência do Exterior, em termos de metodologia, teoria e pesquisa, constatada pela absoluta penúria da produção científica". Essa foi uma área em que progressos mais substantivos puderam ser constatados. Graças em grande parte à própria Intercom, em parte ao aumento extraordinário de programas de pós-graduação no setor, o Brasil foi capaz de produzir trabalhos originais de pesquisa nesses 20 anos, a ponto de diversos autores brasileiros da área de comunicação terem sido publicados no exterior e seus trabalhos saudados como de boa qualidade em diversos renomados congressos internacionais. Mas, é preciso ressaltar, a produção acadêmica brasileira nesse campo é muito irregular. Grande parte dela é de qualidade medíocre e, com exceções notáveis, sua disseminação é restrita.

As "constantes mudanças curriculares" verificadas em 1977 e explicadas como "válvulas de esca-

pe da tensão acumulada" perderam a importância que tinham pela possibilidade que se construiu de um debate mais aberto na universidade e agora podem ser definitivamente erradicadas. Graças à nova Lei de Diretrizes e Bases, deixada por Darcy Ribeiro como sua última e grande contribuição à educação no Brasil. O último sintoma da crise de 20 anos atrás, "a manipulação das escolas pelos burocratas do ensino (ou pior: pelos empresários do ensino)", pode ter se reduzido graças à possibilidade de maior controle da comunidade sobre o processo e deixado de se manifestar nas versões violentas e arbitrárias da época mas continua a ocorrer, até mesmo porque ninguém mais se escandaliza com o capitalismo pedagógico e o Estado já se prepara mesmo para admitir que o ensino possa gerar lucro às claras.

Muitas das deficiências que se perpetuam no ensino de comunicação decorrem de males que são típicos não apenas dele, mas de toda a estrutura educacional (e social) do país. A deterioração do ensino básico, iniciada na década de 60 com a liquidação da escola pública e ampliada para a educação particular na década de 80 com a batalha infundável entre a inflação e as mensalidades, tinha que se refletir em professores e alunos universitários pior preparados agora do que antes. Enquanto o Brasil não investir de maneira maciça em pré-escola e ensino básico, não haverá como melhorar a educação superior, que vai continuar sendo relevante apenas nas famosas "ilhas de qualidade" que tornam o nome do país conhecido e respeitado na comunida-

de acadêmica internacional mas representam pouco ou quase nada para a maioria das pessoas que vivem aqui.

Outros dos vícios são produto da incapacidade dos docentes dessa área específica do saber de resolverem suas diferenças básicas e isso chega a ser um fenômeno que transcende fronteiras nacionais. No final do século 20, persiste a rivalidade entre professores das áreas teórica e prática do ensino de jornalismo, por exemplo, que continuam a se digladiar por espaço e influência num ambiente acadêmico que jamais se poderia dar ao luxo de dissensões desse tipo, tais as necessidades essenciais que precisam ser supridas.

Apesar de todas as dificuldades que subsistem no ensino e na pesquisa da comunicação, o vigésimo aniversário da Intercom não é conquista pequena. Esta entidade não foi criada para resolver todos os problemas de sua área, a maioria dos quais tem soluções que dependem de condições econômicas e sociais que não podem ser alteradas em uma geração, mesmo se houvesse compromisso decidido e consensual da nação em buscá-los (o que, evidentemente, não é o caso no Brasil, onde - apesar de denunciá-la ter até virado lugar-comum - a insensibilidade dos que têm muito em relação aos que nada têm parece infinita). Mas a Intercom conseguiu ajudar a atenuar vários desses problemas.

Sua própria sobrevivência por duas décadas é motivo suficiente para se manter a esperança de que, embora as mudanças fundamentais ainda estejam muito distantes, as

coisas podem melhorar na área da comunicação. Eu mesmo, em diversos momentos, achei que a Intercom seria incapaz de subsistir depois que José Marques de Melo, seu inspirador e realizador, deixasse de ser a presença decisiva na vida da entidade. Acredito que todos os fundadores da Intercom dividem comigo a certeza de que, não tivessem sido a obstinação, o empenho, a coragem de cobrar e exigir dos outros a sua parte que caracterizaram a participação de Melo nos primeiros anos da entidade, ela provavelmente não teria decolado. Mas, embora Melo continue a ser um integrante muito especial da sociedade que concebeu e viabilizou, a Intercom se provou maior do que o seu criador e essa é a sua maior vitória. Com momentos de maior ou menor realização, superando percalços que muitas vezes pareceram invencíveis, a entidade chega ao seu vigésimo congresso inteira, coesa e produtiva mas com grandes desafios pela frente. É justo realçar o papel que os presidentes da Intercom tiveram nesse processo. Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato, Margarida Krohling Kunsch, Manuel Carlos Chaparro, Adolpho Queiroz e Maria Immacolata Vassalo de Lopes merecem receber os agradecimentos da comunidade acadêmica na área de comunicação pelo seus serviços.

Embora uma das características mais louváveis da Intercom tenha sempre sido a do pluralismo ideológico (garantido, aliás, várias vezes, a muito custo por José Marques de Melo, que continha o ímpeto sectário juvenil de muitos de seus colegas, inclusive, com frequência, eu mesmo), é evidente que a

hegemonia ideológica da produção realizada sob seus auspícios sempre foi de inspiração marxista, como em todas as áreas das ciências sociais no Brasil. O desmoronamento do Muro de Berlim, sem dúvidas, deixou perplexos também os pesquisadores da Intercom. Antes desta, minha última participação em congressos da Intercom foi em 1989. Eu me lembro que nós brincávamos muito que aquele era o congresso da glassnost da Intercom. Mas ainda há muito degelo a se realizar até que a produção acadêmica brasileira na área de comunicação encontre fios condutores para a próxima década e o próximo século com a mesma relevância que tiveram os da escola de Frankfurt, do estruturalismo, da hegemonia gramsciana, da Nova Ordem Internacional da Informação e da Comunicação e seus derivados nos últimos 20 anos. Todo o mundo da ideologia ainda está se defrontando com o vazio deixado pelo fim da dualidade capitalismo versus socialismo e é natural que o mesmo aconteça na área da comunicação. Se me é permitido dar palpites, acho que deve-se pensar muito em orientar o futuro da pesquisa em co-

municação no Brasil para algumas direções que José Marques de Melo sempre apontou como fundamentais: documentação, precisão técnica, obsessão com o rigor metodológico. Humildade e seriedade não fazem mal a ninguém em área nenhuma, inclusive e principalmente nas ciências sociais. Isso é especialmente verdadeiro no campo da comunicação, em que existe carência básica de fontes de referência, documentos, dados objetivos.

Num país em que o personalismo com frequência massacrava instituições, o egoísmo faz naufragar empreendimentos que não resultem de alguma forma em benesses materiais imediatas para seus participantes, os 20 anos da Intercom devem ser motivo de orgulho para todos os que ajudaram a construí-la. O fato de o ensino de comunicação no Brasil continuar em crise, apesar de todo o esforço despendido pela Intercom e seus associados, deve ser não motivo de desânimo, mas sim fonte de estímulo para os que agora a comandam continuarem sua atuação e, mesmo, a expandirem para, um dia, se poder constatar que a crise acabou.

Os Sentidos dos Primeiros 20 anos*

J. S. FARO

(Presidente eleito da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)



Acho que a INTERCOM é um exemplo para a comunidade científica. Olhando a dispersão em que vive a universidade, especialmente em áreas de estudo novas, como é a nossa, a INTERCOM acaba sendo responsável pela articulação de pelo menos três eixos que formam uma geometria da produção e da aplicação do conhecimento no campo da comunicação.

O primeiro deles é o que diz respeito ao sentido orgânico que ela tem representado para professores, profissionais e pesquisadores dos fenômenos comunicacionais.

Não há como negar que, num país empobrecido de publicações científicas e carente de veículos de disseminação ampliada da produção acadêmica, o que prevalece é a imagem de um arquipélago. Os sujeitos da elaboração do conhecimento estão não só isolados entre si, mas também distantes do mundo que se situa fora dos muros universitários. Seus objetos de estudo às vezes di-

zem pouco sobre o mundo real e sua atividade permanece dissociada do mundo do trabalho.

No caso do Brasil, se isso é quase uma decorrência natural de sua condição periférica, a conjuntura autoritária dos governos militares agravou essa deformação, gerando uma fragmentação que pode ter deixado o país longe na corrida para enfrentar próximo século.

Pois bem, nos limites de seu campo de atuação, a INTERCOM agiu no sentido oposto: procurou romper essa tradição de isolamento. E exerceu sobre toda a nossa comunidade uma ação centrípeta, dando ao seu conjunto uma feição aglutinadora, que se reflete nessa semi-identidade que vamos erguendo todos, apesar de nossas fragilidades teóricas e conceituais.

É difícil imaginar agora o que significou isso em meados dos anos 70, quando tudo o que dizia respeito à organização de pessoas era visto como uma questão delicada e perigosa, arriscada mesmo. Era tão complicado que nem mesmo reuniões de estudo periódicas - e às vezes prosaicos encontros aos sábados

* Pronunciamento do Presidente eleito da INTERCOM na sessão de posse da Diretoria Executiva para o biênio 1997-1999, realizada no dia 06 de setembro de 1997.

à tarde - podiam ser agendados com alguma certeza de que, de fato, aconteceria.

Os primeiros sócios da INTERCOM perambulavam a cada 15 dias em busca de um teto: alguns encontros em salas de aula, outros na antiga sede da ABI em São Paulo, um pouco aqui, um pouco ali. De alguma forma, e por uma misteriosa teimosia de seus fundadores, a entidade vingou. E dessa precariedade toda é que surge o que imagino ser a sua maior contribuição: ela organizou todos aqueles que estavam, de uma maneira ou de outra, vinculados ao esforço de trazer para fora dos muros da universidade aquilo que, naquele momento, a universidade não estava em condições de fazer.

Pode-se dizer que, nessa dimensão, o trabalho da INTERCOM teve um feitio horizontal, desfragmentador, anti-regional e muito anti-corporativo. Seus ciclos de estudo, como prova disso, eram heterogêneos. Não na temática - que sempre estava imbricada com o sentido multidisciplinar que lhes dava o nome - mas na composição, na origem de seus participantes, na formação deles, na proposta que tinham. Eram ciclos imperfeitos, e aqueles que os acompanharam tiraram dessa imperfeição o sentido acadêmico e político do que faziam em seus redutos de docência, de pesquisa e de atuação profissional.

Continua sendo assim, certamente com maior perfeição, com algum tropeço, com algum gigantismo, com alguma solenidade e com algum sentido espetacular, mas a essência tem permanecido inalterada. Em simpósios regionais,

em atividades esporádicas, com suas publicações, no seu congresso anual, na variedade de compromissos internacionais que vai assumindo, a INTERCOM se mantém como entidade aglutinadora. Difícil imaginar que alguma coisa ocorra na área dos estudos da comunicação social neste país que não esteja, ainda que indiretamente, ligada à INTERCOM.

O segundo eixo é o que diz respeito ao caráter das atividades que a INTERCOM veio desenvolvendo nesses 20 anos. Em meados dos anos 70, os estudos de comunicação social ainda não haviam se desvincilhado do impacto, eventualmente positivo, que o modismo havia provocado em sua produção. Entre os docentes e pesquisadores sérios, que sabiam de suas referências nacionais e internacionais, o *boom* de escolas de comunicação mais atrapalhava que resolvia. Era visível - e inevitável - a sensação de desconforto que o deslumbramento com os meios provocava, principalmente quando se leva em conta a fragilidade conceitual e o precário rigor científico que acompanhavam essa explosão.

A INTERCOM contribuiu para colocar um ponto final nessa história, certamente não de forma deliberada, mas como uma consequência natural do sentido organizador que adquiria entre seus sócios e entre aqueles que acompanhavam suas atividades.

Os mesmos eventos que reuniam, também discutiam. As publicações, de seu lado, punham em circulação velhas e novas idéias; surgiam cadernos, antologias, boletins, revistas. Isso tudo numa atividade gregária - fundamental nos

tempos da ditadura - e mais uma oportunidade de reflexão, de redimensionamento dos problemas da comunicação e de seus desdobramentos.

O resultado era um arejamento de todo o campo. Não era mais a moda, nem era mais o conhecimento acanhado que ditavam as necessidades de verticalização do debate. Era a seriedade com que tudo isso era encarado. Uma insistência em pontuar com segurança a abrangência do campo fenomenológico, entender seus desdobramentos com a sociologia, com a psicologia, com a antropologia, com a história, com a política e - para desespero de alguns poucos - com a bibliografia dessas áreas.

E mais: com as velhas e as novas tecnologias, com os movimentos sociais, com as classes dominantes, com as classes subalternas, com a essência das mudanças que se processavam aceleradamente. Essa verticalização permitia até acompanhar melhor o clima de renovação que o país vivia e deixava perceber que a sociedade civil precisava ser entendida nessa sua dimensão receptora, com todas as implicações teóricas decorrentes.

Tudo com uma extraordinária inspiração crítica - que foi, até agora, a principal marca da INTERCOM.

Bem, a INTERCOM nos preparou para tudo isso. Estudar os temários de seus ciclos e congressos, analisar os objetos de estudo e de discussão em suas publicações, de 1977 a 1997, é percorrer o caminho da produção científica brasileira nessa área. E, nesse sentido, o efeito era multiplicador, porque o

sócio da entidade quando retornava ao seu fragmento acadêmico ou profissional, voltava renovado das idéias de outros centros de estudo nacionais e internacionais. Voltava mais cosmopolita; e os estudos da comunicação exigiam isso. Na verdade, nunca mais deixaram de exigir. Essa é uma parcela de culpa que a intercom tem nessa angústia que nos assalta frente ao fenômeno da globalização, da transnacionalização da cultura, do império das novas tecnologias: de alguma forma, nesses últimos 20 anos, estivemos todos nos preparando para entender de que se trata.

Com uma vantagem: sem modismos ou deslumbramentos. Estamos passo a passo com outros centros de excelência do mundo inteiro e o reconhecimento internacional da INTERCOM é prova disso, embora ninguém imagine que esteja tudo perfeito e resolvido.

Aqui a ação da INTERCOM foi centrífuga.

O terceiro e último eixo decorre justamente disso. A INTERCOM colocou professores, pesquisadores, profissionais, estudantes e toda a comunidade envolvida de alguma forma com os estudos da comunicação em contato com o mundo, no sentido mais amplo do termo. Passamos a lidar, em primeiro, com as obras mais pertinentes aos campos dos nossos projetos, fossem elas atuais ou não, dando aqui ao termo atual um sentido vulgar. Depois, entramos em contato com centros de estudos de toda parte - e obviamente com suas lideranças intelectuais.

A INTERCOM nos ajudou a redescobrir a América Latina, os Es-

tados Unidos, a Europa, do ponto de vista de nossas formulações teórico-metodológicas. Os representantes desses centros, investigadores irrequietos e produtivos, estiveram aqui nos ciclos e congressos, e trocaram conosco reflexões fundamentais para que amadurecêssemos. Certamente retiraram dessa sua vinda impressões variadas, entre elas a certeza de que nossa produção crescia em quantidade e em qualidade. Mas deixaram aqui também a saudável sensação de que havíamos fechado um circuito.

Esses são os três eixos que surgem como fundamentais na história da INTERCOM - e que é preciso preservar porque comprovam avanços lineares e coerentes de amadurecimento cuja causa não é totalmente conhecida.

Pode-se arriscar dizer que a vontade dos dirigentes da entidade, nesses 20 anos, foi a força motriz de tudo quanto aconteceu. Talvez sim, talvez não. Pode-se afirmar também que estamos diante de uma comunidade acadêmica e profissional de demandas às vezes ininteligíveis e que é justamente isso o que a empurra para o orgânico, para o aprofundamento e para o universo. Talvez sim, talvez não.

Seja qual for a resposta, pelo menos há uma certeza: sem a INTERCOM essas últimas duas décadas teriam sido, para as ciências da comunicação, mais pobres, mais cinzentas e mais tristes.

Consolidar o trabalho feito até aqui e avançar, é o compromisso da nova diretoria.

20 anos de conquistas

RAFAEL SOUZA SILVA

(Coordenador Local do Congresso Intercom 97)

“Senhoras e Senhores, boa noite. Bem-vindos ao XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o Intercom 97”.



Estas foram as palavras iniciais do mestre-de-cerimônias durante a abertura solene na histórica noite de 3 de setembro de 1997, em Santos. E um público de aproximadamente 3 mil pessoas garantia essa grandiosa celebração. Naquela oportunidade, Carlos Eduardo Lins da Silva, um dos fundadores da INTERCOM, dava esse tom pomposo, com sua palestra sobre a trajetória de duas décadas de existência da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Foram 20 anos de espera, e dessa vez, Santos bisava como cidade-sede, o encontro e a união de professores, pesquisadores, profissionais e estudantes de comunicação de todo o Brasil e de aproximadamente 20 países de vários continentes. Foram 10 dias de encontros, alguns desencontros, mas, acima de tudo, de uma intensa troca de energia e conhecimento. Afinal, naquele momento Santos conseguia congregar um seletor grupo de pensadores brasileiros e internacionais na área da comunicação para um banquete de signos, com um cardápio

pluralizado capaz de atender aos mais variados apetites.

Merecidamente, Santos foi cenário do maior congresso realizado pela INTERCOM desde a sua fundação em 1977. Primeiro, por ter aberto suas portas e por abraçar corajosamente os 43 participantes desse encontro pioneiro realizado durante um período de vigorosa vigilância da ditadura militar, nas dependências da Faculdade de Comunicação de Santos - Facos, hoje, unidade que integra a Universidade Católica de Santos, uma das instituições promotoras dessa atual edição do Congresso Intercom. E, segundo, para fechar com chave de ouro essa primeira trajetória de realizações da INTERCOM, mostrando uma radiografia dos 20 anos de ciências da comunicação no Brasil.

A escolha de Santos como cidade-sede foi uma dupla homenagem prestada pela INTERCOM, à cidade e à Facos, dignas representantes e que souberam como nunca corresponder a essa expectativa, transformando o Intercom 97 como o maior evento já realizado durante os 20 anos de sua existência. E esta grande festa, unindo ciência a conagração projetou ainda mais Santos no cenário nacional e internaci-

onal como cidade de intensa vida acadêmica, consagrando a Universidade Católica de Santos como berço da INTERCOM, além de projetar e iniciar a Universidade Santa Cecília e as Faculdades AELIS como novos membros da comunidade acadêmica na área da comunicação.

A Faculdade de Comunicação da Universidade Católica de Santos possui o segundo curso de jornalismo mais antigo do Estado de São Paulo, e durante esse percurso vem se destacando entre as três principais escolas de comunicação premiadas pelo Congresso Intercom no país, além de produzir e exportar grandes valores hoje espalhados nas empresas de comunicação no Brasil e no exterior. Um exemplo disso é o próprio Carlos Eduardo Lins da Silva, jornalista e professor da Facos naquele período de fundação da INTERCOM, e que hoje atua como correspondente do jornal Folha de S. Paulo em, Washington, nos Estados Unidos.

Com uma população de 25 mil estudantes universitários, Santos preenchia todos os requisitos para sediar este vigésimo Intercom. Nesse sentido, duas novas escolas de comunicação da cidade juntaram-se à Facos para a realização desse megaevento. Era um grande desafio para os organizadores locais, uma vez que, pela primeira vez, o Congresso Intercom seria realizado em três universidades. O gigantismo desse encontro, reunindo aproximadamente 30 eventos, o desafio era enorme e as preocupações ainda maiores; tanto por parte da INTERCOM quanto pelas faculdades/universidades organizadoras locais.

Mas, o empenho, a dedicação e acima de tudo o profissionalismo do comitê organizador local, constituído por representantes da Universidade Católica de Santos - UniSantos, Universidade Santa Cecília - Unisanta e Faculdade AELIS fizeram com que a ansiedade e as dificuldades naturais decorrentes durante uma organização desse porte fossem superadas e se transformassem num processo vibratório de energia positiva conduzindo todos à realização de um bem comum: o sucesso absoluto do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em todos os seus sentidos. E aqui cabe um agradecimento muito especial à toda equipe da organização local desse evento, desde o mais humilde ao mais alto funcionário da hierarquia universitária, que soube, como nunca, superar as dificuldades e alcançar os objetivos que tanto almejávamos.

E o sucesso foi absoluto. Em todos os sentidos. Os números desse balanço são expressivos e enchem os olhos dos mais experientes participantes em congressos nacionais e internacionais, mesmo em outras áreas do conhecimento, que acompanharam a realização do Intercom 97. A inscrição de 600 trabalhos no IV EXPOCOM demonstrou o crescente interesse do alunado da graduação em participar e aperfeiçoar seus conhecimentos, além daquela incontestável troca de informações e o próprio contato pessoal com os outros colegas das mais distantes regiões do País. E o resultado de todo esse esforço foi o alto nível dos trabalhos apresentados, merecidamente premiados e reconhecidos por todos, deixando-nos um exem-

plo de grande catarse e tradução do que representa a extraordinária festa de premiação final do congresso.

A demonstração de interesse e de participação pelos alunos da graduação e, disfarçadamente, por um bom contingente daqueles ligados à pós-graduação durante a apresentação dos trabalhos no VI INICIACOM, bem como do II INOVCOM obrigaram os organizadores locais a rever suas estratégias de capacidade de lotação dos recintos onde esses trabalhos seriam apresentados para atender a extraordinária demanda dos participantes que se acotovelavam para disputar atentamente de todos os momentos das apresentações individuais dos trabalhos. Esse comportamento também se repetiu durante a noite de lançamento de livros pelos sócios da INTERCOM. Com uma programação inicial de 30 títulos esse número chegou 58, batendo todos os recordes em relação aos anos anteriores. A presença de público foi tão grande, que uma multidão se formou na porta onde se realizava o evento a ponto de congestionar o trânsito de uma das avenidas da Cidade.

Não muito diferente foi durante o dia de realização das palestras do XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, com a presença de expoentes da pesquisa da comunicação no mundo: Armand Mattelart (França), Jesús Martin Barbero (Colômbia) e José Marques de Melo (Brasil). Mais de 400 atentos participantes disputavam milimetricamente os espaços do grande auditório, quando foi exposto e debatido pelos ilustres palestrantes internacionais o tema

central do Congresso: "20 anos de Ciências da Comunicação no Brasil: Avaliação e Perspectivas", e que pontuou e consolidou o tom definitivo da essência desse encontro.

Diante desse quadro de plena interatividade entre os congressistas do Intercom 97, os dois dias que precederam à abertura do XX Ciclo de Palestras pelas estrelas internacionais da pesquisa da comunicação, o interesse do alunado da graduação durante a apresentação de um volume acima de 300 trabalhos e de comunicações sobre o que havia de mais recente na pesquisa da comunicação, desenvolvidos durante os 27 GTs distribuídos em blocos monotemáticos e multidisciplinares, extrapolou a expectativa do organizador mais otimista quanto ao número de frequência. Em alguns casos, como Jornalismo, Propaganda, Humor e Quadrinhos, entre outros, quebraram todos os recordes de participação, em média 200 a 300 pessoas, inviabilizando, em alguns momentos, a realização adequada de eventos dessa natureza pela ausência de espaços físicos disponíveis pelas universidades, e que de algum modo causaram desconforto e irritabilidade nos participantes, e que coloca em xeque todo o esquema dos organizadores para essas atividades.

Mesmo assim, o saldo é extremamente positivo, uma vez que demonstra claramente o interesse cada vez mais crescente do estudante de comunicação em participar ativamente de todos os momentos que ele elege como importante para o avanço das suas pesquisas no campo profissional e acadêmico. Estão de parabéns as escolas de comuni-

cação em todo o país, e com elas todos os estudantes, profissionais e pesquisadores que, de maneira desatenta e responsável souberam responder ao nosso apelo: a realização de um conagraçamento de comunicólogos que discutissem e se harmonizassem em torno de sua própria essência e do avanço do conhecimento.

E essa realidade é ainda demonstrada no chamado pós-congresso, uma das novidades lançadas no Intercom 97. Trata-se do Encontro de Professores de Graduação de várias áreas do estudo da comunicação que tiveram a rara oportunidade de trocar informações e traçar novas diretrizes que direcionassem ao aperfeiçoamento da grade curricular e dos processos didático pedagógicos do ensino da comunicação em todo o País. Foram momentos de discussões férteis, algumas vezes acaloradas e apaixonadas, onde prevaleceram o bom senso e o respeito em relação à realidade de cada região. O grande mérito desse

encontro foi mostrar um pequeno diagnóstico do conteúdo programático de várias disciplinas e o conhecimento dos nossos limites em relação à capacitação docente para essa finalidade.

O que se pode extrair como ensinamento de alguns imprevistos que tenham ocorrido durante a realização do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Santos, é que a cada dia em nossos tempos midiáticos, a comunicação se processa de forma dinâmica e acelerada. E a velocidade da informação é uma cúmplice exigente, mostrando a indisfarçável realidade dos fatos cada vez mais em tempo real. Acordemos sempre unidos para essa nova realidade, fazendo com que os nossos desacertos, sejam repensados para que possamos encontrar um novo elenco de acertos e prováveis novos desacertos, inevitáveis, em nossos próximos encontros. É assim que avançamos. Até Recife, em 1998.

Colóquios do Congresso legitimam Intercom no plano internacional

ROSA MARIA FERREIRA DALLES NAVA
(Universidade Católica de Santos e Faculdades AELIS)



O XX Congresso da Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em

Santos, SP, deixa a marca do estado de arte atual da pesquisa no Brasil e o reconhecimento e a consolidação internacional da entidade. Um saboroso fruto colhido do incansável trabalho semeado, com carinho e obstinação, por diretores e associados, desde sua fundação.

Como sociedade científica brasileira, a Intercom ostenta hoje, com merecido orgulho, o reconhecimento e inserção legitimada em diversas associações internacionais. Presença respeitada na ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), liga-se também à Federación Latinoamericana de Asociaciones de Facultades de Comunicación Social (FELAFACS), Federación Latinoamericana de Prensa (FELAP), Unión Católica Latinoamericana de Emisoras de Radios Educativas (ALER), Unión Latinoamericana de Prensa (UCLAP), Seção Latino-Americana da Associação Internacional de Cinema

(OCIC-AL), Seção Latino-Americana da Associação Mundial de Comunicação Cristã (WACC-AL), Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación (AMIC), Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (CONEICC - México), Societat Catalana de Comunicació (Barcelona, Espanha), Société Française des Sciences de L'Information et de la Communication (SFSIC) e Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (APCOM). No campo internacional integra-se à International Communication Association (ICA) e à IAMCR, International Association for Media and Communication Research.

Internacionalização legitimada em 1986, durante o IX Congresso Intercom, quando abrigou o I Encontro Iberoamericano de Pesquisadores da Comunicação, reunindo cerca de 80 pesquisadores para o debate de temas atuais e comuns aos pesquisadores brasileiros e hispano-americanos e, principalmente, abrindo caminho para o trabalho de pesquisadores e possibilidades de cooperação. O segundo, realizado em 1989, durante o XII Congresso, amplia o universo do diálogo e pro-

move um balanço da pesquisa latinoamericana na década de 80. E, resultado de um trabalho dedicado e vitorioso, em 1993, pela primeira vez a Intercom torna-se co-promotora de colóquios bi-nacionais ao realizar, junto à Universidade Autônoma de Barcelona o III Encontro Iberoamericano, na Espanha. Depois, foi a vez do Colóquio Brasil-México de Pesquisa de Comunicação (1988 a 1992) com quatro encontros anuais realizados nos dois países, cujo resultado foi a execução da pesquisa "Estudo Comparativo dos Sistemas de Comunicação no Brasil e no México".

Depois foi a vez do Colóquio Brasil-França de Pesquisadores de Comunicação, realizado em cooperação/associação com a SFSIC (Société Française des Sciences de l'Information et de la Communication), também com quatro reuniões promovidas em congressos das duas instituições além de projetos de pesquisa.

Em 1996 acontecem o I Colóquio Brasil-Dinamarca de Ciências da Comunicação, e o I Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação. Assim, o Congresso anual tornou-se espaço de encontro e troca de conhecimentos, ampliando o diálogo e proporcionando, a cada ano, o pluralismo enriquecedor, tanto temático quanto de expositores e participantes. Nada mais natural que a evolução e sucesso desse trabalho tivesse uma continuidade para 1997.

MERCOSUL 1

Revedo essa trajetória de internacionalização, ao falarmos de temáticas emergentes e hegemônicas imediatamente compreendemos o

colóquio que antecedeu os eventos do XX Congresso. E podemos entender porque o 1º Colóquio Nafta/Mercosul de Ciências da Comunicação no Mercosul - MERCOSUL 1 (de 29 a 31 de agosto de 1997) representa a essência da própria Intercom.

Evento integrante da programação pré-congresso do megaevento INTERCOM 97, o MERCOSUL 1 foi organizado pela Universidade Católica de Santos, com apoio da UNESCO e do jornal A Tribuna, sob a coordenação geral de José Marques de Melo. Iniciou-se alicerçado no binômio universidade/empresa de comunicação, com a finalidade de desenvolver programas regionais de cooperação entre essas instituições, estabelecendo ao mesmo tempo, possibilidade do diálogo entre comunidades acadêmicas e as cooperações empresariais/profissionais dos dois extremos das Américas.

O MERCOSUL 1 uniu pesquisadores, empresários, profissionais e professores para estudar e viabilizar a construção de pontes bidirecionais entre as universidades e as empresas de comunicação de diversos pontos do mundo.

Como metodologia, o evento se desenvolveu sob a forma de painéis e sessões temáticas. As exposições motivadoras desses painéis foram preparadas por membros do comitê acadêmico e por representantes de instituições, especialmente convidados, procedentes dos dois blocos megaregionais (Nafta/Mercosul) e dos dois segmentos sócio-profissionais (universidade/empresa). Os trabalhos inscritos nas sessões temáticas foram previamente selecionados, a partir de propos-

tas submetidas ao comitê acadêmico.

Os focos temáticos apresentaram-se em forma de debates focalizando três objetos conceituais:

- a) a estrutura das indústrias midiáticas no contexto dos megablocos regionais e dos fluxos econômicos globais;
- b) a transformação das práticas profissionais numa conjuntura marcada pela globalização, privatização e democratização;
- c) a pesquisa científica gerada pela academia e sua relevância para a tomada de decisões nos sistemas comunicacionais.

Alcançou os objetivos pretendidos, por um lado, confrontando os cenários esboçados pelos diferentes atores sociais em relação as questões propostas e, por outro, definindo formas de parceria para capacitar os centros de formação de comunicadores a interagir dinamicamente com o sistema produtivo.

A solenidade de abertura teve a presença do professor doutor José Marques de Melo, Diretor da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e diretor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Ele presidiu a mesa de honra, ao lado do reitor da Universidade Católica de Santos, Francisco Prado de Oliveira Ribeiro; do reitor da Umesp, Jacob Daghljan; do gerente de Comercialização e Marketing de A Tribuna, Márcio Delfim Leite Soares; de Thérèse Paquet-Sevigny (Orbicom, Canadá); Maria Immacolata Vassalo de Lopes, presidente da Intercom e Margarida Maria Krohling Kunsch (Intercom). Presen-

tes, ainda, a diretora geral das faculdades AELIS, Maria Otília Pires Lanza e a vice-reitora comunitária da UniSantos, Maria Helena Lambert.

A solenidade de abertura apresentou o mais eficiente e mágico código/manifestação de comunicação do mundo: a música, com as apresentações do Trio Clarus, do Projeto Cultural UniSantos e do Coral da Universidade Aberta para a Terceira Idade, da Universidade Católica de Santos.

Para melhor entender a diversidade e riqueza temática do Colóquio proponho revermos rapidamente os assuntos abordados. O tema debatido no primeiro painel foi A estrutura das indústrias midiáticas no contexto dos megablocos regionais e dos fluxos econômicos globais. Carmen Gomez Mont, professora da Universidad Iberoamericana e diretora da Cátedra Unesco de Telecomunicações e Sociedade (México), coordenou as exposições de: Delia Covi Druetta (Universidad Nacional de México); Gaëtan Tremblay (Universidad du Quebec/Montreal, Canadá); Hernan Galperin (Universidad de Stanford/Califórnia-USA); Eduardo Rebollo (Universidad Católica de Uruguay, Montevideo); Sérgio Capparelli (Universidad Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) e Murilo Cesar Ramos, da UnB (Brasília).

Lucía Castellon, diretora da Faculdade de Comunicação da Universidad Diego Portales (Chile) presidiu a exposição do segundo painel: A transformação de práticas profissionais à emergência de novas profissões. O diretor da Cátedra de Jornalismo da Universidade do Texas, EUA, Rosental Calmon Alves,

expôs seus estudos sobre O impacto da Internet no jornalismo: da transformação de práticas profissionais à emergência de novas profissões. Analisando a célere e incomparável disseminação da Internet como meio de comunicação, Rosental alerta para a necessidade dos professores desbravarem as novas fronteiras da mídia e participarem da busca de novos paradigmas, além de preparar os estudantes para as novas exigências do mercado. Nestes tempos de fascínio, porém, adverte Alves, é importante ponderar que o meio não é a mensagem." O conteúdo continua sendo mais importante do que a forma. Os velhos princípios do bom jornalismo e da responsabilidade social da mídia devem prevalecer, seja qual for o meio de propagação."

Na mesma linha de reflexão, Luciano Martins Costa (diretor de Broadcasting do Jornal O Estado de S. Paulo e representante da ANJ) expôs o tema: Leitor: cidadão ou apenas consumidor? Luciano visualiza o avanço da mídia eletrônica como uma grande oportunidade para a transformação das profissões e das técnicas de gestão da chamada indústria da informação e do entretenimento. Nesse novo cenário detecta a necessidade do profissional "aprender a filosofar" para compreender as mudanças e abrir perspectivas mais amplas na sua carreira. Quanto às empresas, acredita na possibilidade de elaboração de estratégias vencedoras se a visão não se limitar ao mercado, nem ao leitor como simples consumidor. Uma gestão voltada à sociedade.

A relevância da pesquisa científica gerada pelas universidades

para a tomada de decisões nos sistemas midiáticos abriu o painel do segundo dia de atividades. Em mesa coordenada por Monica Arzuaga (Uruguay), profissionais e pesquisadores do Brasil e do exterior discutiram o aproveitamento dos estudos sobre as modificações nos jornais, o mercado de trabalho e a violência na tevê norte-americana.

Ellen Wartella (EUA) relatou sua experiência ao trabalhar na pesquisa sobre violência e televisão, depois de contratada pela TV a cabo norte-americana. Constatou que nos EUA, as crianças passam cerca de três horas diárias assistindo tevê e, a programação com mensagens de restrições a determinadas faixas etárias atrai a maioria desses telespectadores entre dez e 14 anos. As conclusões resultaram em novas regulamentações para a TV e provocaram reações de revolta nos empresários, que optaram por cortar as verbas de financiamento para a pesquisa.

O jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (correspondente da Folha de S. Paulo em Washington D.C.) fez um balanço das relações entre empresas de comunicação e as universidades dos Estados Unidos. Observou que as instituições de ensino muitas vezes desprezaram convênios com a imprensa. Nos EUA, o diploma de jornalista para o exercício da profissão não é obrigatório, ao contrário do Brasil.

Segundo ele, a pesquisa proporcionou a provocação de mudanças na Imprensa dos EUA, a maioria realizadas pelos próprios veículos. Como exemplo, citou as modificações do número de páginas reservadas às editorias e de seu conteú-

do, das alterações no tratamento do texto, para mais leve, seguindo a tendência dos anos 50. E, por influência do jornalismo norte-americano, a grande transformação dos anos 80, consequência de pesquisa e estudos de recepção, que mostraram a importância crescente de fotos e gráficos e o uso da cor na preferência do público.

À tarde tiveram início as sessões temáticas, simultâneas com apresentação do Projeto Monarca (México/Canadá), coordenada por Rafael Souza Silva (UniSantos). Delia Crovi Druetta, UNAM (México) delineou os objetivos do Projeto Monarca, em referência aos dois trabalhos globais, um pelo Canadá e outro pelo México: confrontar as indústrias audiovisuais dos dois países com o Tratado de Livre Comércio da América do Norte. Os eixos articuladores são: Identidade Cultural; Convergência Tecnológica e Globalização. Os depoimentos seguiram com as exposições dos pesquisadores: Carmen Gomez Mont, Florence Thoussaint, (México) e Gaëtan Tremblay e Jean-Guy Lacroix (Canadá).

As comunicações e propostas sobre Inovações Industriais/Profissionais - Brasil/Mercosul coordenadas por Marco Antonio Batan (diretor da FACOS-UniSantos) apresentou relatos de: Matia Molina, do Jornal Gazeta Mercantil falou sobre O Semanário do Mercosul. Representando a DPZ (SP) Flávio Conti (diretor) e Eduardo Novogrebelski (consultor) analisaram a participação de Um pool de Agências de Propaganda no Mercosul. Guy de Almeida, (PUC - Minas Gerais) apresentou um Programa de Inserção do Mercosul na

Agenda Universitária. Adolpho Queiroz (Umesp) discorreu sobre a Cátedra Unesco vocacionada para o Estudo da Comunicação Regional.

A televisão e telecomunicações em países do Mercosul, foi tema desenvolvido por Venício Arthur de Lima (UnB - Brasília), Anibal Orue Pozzo (Univ. Católica del Paraguay), Alejandro Guiller (Univ. Diego Portales, Chile), Sebastião Squirra (USP) e Cesar Bolaño (Univ Federal de Sergipe).

No encontro sobre Propostas para uma agenda comunicacional sul-americana, o pesquisador José Luis Olivari Reyes (CENECA - Comunicación y Cultura para el Desarrollo, Chile) propôs, como objeto de estudo, o encontro de dois sistemas: a Escola e a TV - a investigação/ação, tendo como referente o currículo escolar em seus âmbitos culturais e educativos.

Issac Epstein Umesp/Unesco/Br) apresentou Mídia e saúde: uma pesquisa em desenvolvimento sobre o comportamento dos meios de comunicação sul-americanos em relação aos problemas de saúde pública. Alejandro Grimson (Univ. Buenos Aires - Argentina) analisou Periodistas de fronteira e produção de significados sobre o Mercosul. A comunicação latino americana ante o paradigma neoliberal foi o assunto exposto por Javier Govea Villaseñor e Magno Fernandes dos Reis (Univ. Oaxaca - México).

O último painel: As perspectivas da cooperação Nafta/Mercosul no âmbito das Ciências de Comunicação foi coordenado por Joseph Straubhaar (Brigham Young University - USA) com a participação dos expositores: Thérèse Paquet-

Sevigny (ORBICOM - Canadá), Carmen Rico de Sotelo UCUDAL - Uruguay; Jacques Wainberg (PUC - RS).

No encerramento, o presidente da comissão organizadora do Merconsul 1, professor José Marques de Melo, coordenou a sessão plenária: Debates, proposição de recomendações e adoção de resoluções. Uma análise geral com conclusão dos painéis e sessões temáticas que reuniu Carmen Gomez Mont, Lucía Castellon, Monica Arzuaga, Joseph Straubhaar, Rafael Souza Silva, Marco Antonio Batan, Adolpho Queiroz, Benalva Vitorio e Rosangela Zomignan (Umesp/Unesco/Br) como relatora.

Reunião da ORBICOM

É importante ressaltar, também, a presença dos inúmeros pesquisadores internacionais, representantes e titulares de cátedras Unesco na América Latina e Brasil, membros -associados da ORBICOM, fato que motivou a realização do evento complementar: Reunião de trabalho da ORBICOM - World Network os Unesco chairs and associates, comandada pela secretária-executiva da ORBICOM, Thérèse Paquet-Sevigny.

I Seminário de Turismo e Lazer

Com a qualidade e a tradição de ter implantado o segundo curso superior de Turismo do país, a diretora geral das Faculdades AELIS, professora Maria Otília Pires Lanza, coordenou o I Seminário de Turismo e Lazer no Intercom, nos dias 1 e 2 de setembro. Várias personalidades estiveram presentes, como os prefeitos de Santos, Beto Mansur, e

Guarujá, Maurici Mariano, além da ex-presidente da Intercom, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, o reitor da UniSantos Francisco Prado de Oliveira, professora Conceição Dante, representante da UniSanta e o diretor de turismo da prefeitura de Bertioga José Carlos Vasques, o prefeito de Peruíbe, Alberto Sanches Gomes e o prefeito de Bertioga, José Carlos Rachid, Valdir Lanza diretor de Planejamento e Marketing da AELIS e o coordenador do curso de Turismo da AELIS professor Érico Manoel de Oliveira.

O prefeito municipal de Santos, Beto Mansur e a professora Maria Otília expuseram temas como: A participação de Santos no desenvolvimento integrado da região metropolitana, centrada no crescimento sócio-econômico; o chamado PNMT - Plano Nacional de Municipalização do Turismo analisando a descentralização e administração de projetos turísticos do Estado para os municípios; os projetos em elaboração, os planos em execução e a estrutura oferecida, além dos recursos naturais. Em seguida, pelo presidente da Empresa Brasileira de Turismo, Caio Machado de Carvalho dissertou Paulo Roberto Hargreaves, chefe do Departamento de Captação de Recursos e Novos Negócios da Embratur. O tema, Políticas de Turismo. Os principais Projetos em Desenvolvimento no País, destacando as realizações da entidade, sem mencionar nenhum projeto para a Baixada Santista.

No segundo dia, a mesa redonda coordenada pelo jornalista Lauro Tubino (editor do Caderno de Turismo do Jornal A Tribuna de San-

tos) reuniu representantes da ABRAJET, Associação Brasileira de Jornalistas Especializados em Turismo; o jornalista e professor Paulo Shiff, (TV Brasil/Diário Popular); Gil Nuno Vaz Pereira da Silva, professor (AELIS/UniSantos); Ricardo Musa (Assessor de Comunicação da Codesp) e Alexandre Nunes do SEBRAE, professora Maria Otília, diretora geral da AELIS, Rui Santos (USP) mais os professores José Manuel Dias e Nívio Veloso (AELIS). Em pauta O problema da relação do desenvolvimento turístico com a mídia; A importância da comunicação, de forma geral, e a mídia no turismo; O entendimento das vocações turísticas pela imprensa; A dependência do turismo ao marketing e à propaganda e A contribuição da imprensa ao desenvolvimento do turismo.

A qualidade dos debates e a organização do encontro motivaram o convite da diretoria da Intercom à direção da AELIS para promover o II Seminário, no próximo Congresso a ser realizado em Recife, sob o tema: Mídia, Turismo e Lazer.

I Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação

Um encontro para ficar na história, o I Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, sob coordenação geral da professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes e organização da Universidade Santa Cecília, debateu o estado da arte nos dois países em temas de comunicação e cultura, ficção televisiva, comunicação política e estudos de recepção. Os pesquisadores Giovanni Bechelloni (Universidade de Firenze); Nora Rizza (Univ. de

Bologna); Maria Immacolata Vassallo de Lopes (USP); Carlo Sorrentino (Univ. Firenze); Sergio Caparelli (Univ. RS); Giuseppe Richeri (Univ. Bologna); Murilo Cesar Ramos (Univ. Brasília); Massimo Canevacci (Univ. Roma); Waldenyr Caldas (USP); Alberto Abruzzese (Univ. Roma); Luiz Roberto Alves (USP); Milly Buonanno (Univ. Salerno); Silvia Helena Simões Borelli (PUC-SP); Annamaria Fadul (Umesp).

Como exemplo das palestras apresentadas podemos rever a apresentação de algumas idéias. O professor Bechelloni pondera sobre a visão pessimista dos italianos em relação a seu país, onde se fala mais dos próprios males do que de suas virtudes⁷. Para ele, os jornalistas aparentam uma insegurança e parecem carregar o peso da responsabilidade, no contexto histórico, da Itália ser o berço da civilização ocidental. Classifica a escola de comunicação italiana em duas vertentes: uma linha antiga, que admite a lógica capitalista e populista e, noutro extremo, a que exprime um sentimento de culpa pelo fascismo, mascara o populismo e prega a democracia, sem a praticar.

Maria Immacolata Vassalo de Lopes (USP) relatou aspectos de um estudo sobre as temáticas das pesquisas realizadas na década de 90. O trabalho constatou o crescimento do interesse em novas tecnologias: telejornalismo, Internet e cinema, com a predominância de assuntos sobre Jornalismo e Imprensa e Comunicação Lingüística. Giuseppe Richeri, ao falar sobre Economia Política da Comunicação, apontou novos caminhos sugeridos pela experiência italiana e européia. O pro-

fessor argumenta que os erros e acertos vivenciados apontam para a necessidade de um crescimento uniforme das novas mídias.

O encontro ressaltou a ampliação dos circuitos internacionais de divulgação e circulação da produção da comunidade científica brasileira. A presença dos mais importantes e destacados representantes da pesquisa em Comunicação Social da Itália abriu o caminho para o diálogo bi-nacional, com continuidade agendada para o próximo ano.

IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação

Sob a coordenação geral da professora Margarida M. Krohling Kunsch e organização da Universidade Católica de Santos, o IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação - Ibercom - por sua importância e densidade de temas em debate, tem a representatividade de um congresso.

A abertura oficial do IV Ibercom propôs o tema Diálogo Transatlântico: o processo de globalização e a revitalização das identidades culturais nas megaregiões. Sob a presidência de José Marques de Melo, os expositores: Manuel Pares y Maicas (Espanha), Jesús Matín Barbero (Colômbia) e Armand Mattelart (França) dissertaram sobre a mundialização econômica e cultural e a complexidade das ações comunicativas e as questões conceituais de identidade frente às novas tecnologias.

Na segunda sessão, Annamaria Fadul (Brasil) busca compreender o significado do processo de integração regional refletindo sobre o tema: Globalização e

regionalização da Mídia audiovisual: os desafios do Mercosul. Pedro Jorge Braumann (Portugal) analisa a profusão de alianças e fusões empresariais sem fronteiras como característica atual dos media. Guillermo Orozco Gómez (México) analisa as "macrotendências contemporâneas do comunicativo nos países da América Latina, como desafios para a investigação da comunicação na região, dentro do contexto de globalização neoliberal". O tema: Mass Mediación y Audiencia-ción - macrotendencias en las Sociedades Latinoamericanas de Fin de Milenio. Elege como foco de estudo as manifestações recentes da "tecnificação da vida cotidiana", a "privatização do comunicativo", a "mediação das relações sociais" e a "mundialização cultural" como contexto.

Outras importantes exposições apresentaram-se divididas em 14 Grupos de Trabalhos ou GTs, reunindo pesquisadores do Brasil e do exterior socializando temáticas e investigações diversificadas, que provam a maturidade e o desenvolvimento das Ciências da Comunicação.

Significado do Pré-Congresso

No total, foram quatro atividades denominadas Pré-Congresso realizadas no XX Intercom. O que significa essa pluralidade de encontros? Certamente, não apenas que as dimensões internacionais do Congresso anual da Intercom se ampliam. Significa também que se abrem novos caminhos, sempre vias de mão-dupla, acentuando possibilidades de diálogo internacional e reflexões ilimitadas.

O diagnóstico e a avaliação

do estado da pesquisa de Comunicação realizado nesse encontro, comprovam antes de qualquer coisa, a autonomia e o fortalecimento de um campo de estudos complexo, vibrante. A partir da proposta de ser "um ambicioso e inédito mutirão intelectual", nas palavras da presidente da Intercom, Professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, a comunidade de pesquisadores pre-

sente não só traçou a identidade tecida em 20 anos de história, mas esculpiu o detalhado mapeamento proposto, ampliou as relações com a comunidade internacional e ainda nos brindou com estudos e temáticas, múltiplas e diversificadas, que permeiam as reflexões mais importantes da década deste final de milênio.

Intercom institui Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação

JOSÉ BENEDITO PINHO
(Universidade Federal de Viçosa)



Nos últimos dez anos, entre outras iniciativas, a Intercom procurou estimular a excelência da pesquisa na área das Ciências da Comunicação, criando os prêmios de Iniciação Científica, de pesquisa experimental e de conclusão de curso de graduação, de Mestrado e Doutorado. Todos eles apresentam a cada ano um volume crescente de trabalhos inscritos, produzindo ainda uma saudável competitividade entre seus participantes e nas Escolas de Comunicação.

Com o objetivo de oferecer aos pesquisadores e instituições de pesquisas indicadores de sua atuação e padrões de referência para a comunidade científica das Ciências da Comunicação, a Intercom criou e passará a atribuir a partir do próximo ano o "Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação". A proposta foi aprovada na Assembléia Geral dos Sócios, realizada no dia 06 de setembro de 1997, em Santos, SP, justificando-se a escolha do patrono do prêmio por seu pioneirismo na pesquisa científica sobre os fenômenos comunica-

cionais na universidade brasileira. Além de ter sido o fundador do nosso primeiro centro de pesquisa midiática - o INCINFORM, criado em 1963, em Recife -, Luiz Beltrão foi o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil, defendendo tese na Universidade de Brasília (UnB), em 1967.

Modalidades de concessão

O Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação destina-se a reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros/institutos de pesquisa, valorizando a atuação individual, grupal ou coletiva. Sua finalidade é identificar anualmente quais as pessoas, equipes ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das ciências da comunicação, contribuindo para construir/consolidar a identidade da nossa comunidade acadêmica.

A concessão do prêmio se fará em quatro modalidades: Maturidade Acadêmica, Liderança Emergente, Grupo Inovador e Instituição Paradigmática. Na modalidade de Maturidade Acadêmica, será destinado a pesquisadores-senior, em final de carreira ou já retirados da vida

profissional, autores de estudos significativos e produtores de conhecimento comunicacional que tenham obtido projeção nacional e, ou, internacional. Na modalidade de Liderança Emergente, será destinado a jovens doutores que estejam adquirindo projeção local ou regional pela seriedade e produtividade do trabalho desenvolvido, pela capacidade de liderar projetos e equipes e pela busca de conexões nacionais e internacionais.

Na modalidade de Grupo Inovador, o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação será destinado a núcleos de pesquisa que venham se destacando pela capacidade de inovar nos planos teórico, metodológico, tecnológico ou pragmático, construindo idéias, gerando produtos ou modelos comunicacionais. Na modalidade de Instituição Paradigmática, será destinado a cursos, departamentos, escolas, institutos, empresas, sindicatos, associações, igrejas, ONGs ou órgãos públicos que tenham se notabilizado pela criação, manutenção e fortalecimento de programas de pesquisa sistemática dos fenômenos comunicacionais.

Comunidade acadêmica indica candidatos

Os candidatos ao prêmio serão indicados pela comunidade acadêmica das ciências da comunicação, através de um processo de consulta anual, que incluirá os seguintes segmentos: a) diretoria, coordenadores de Gts e sócios da Intercom; b) membros do conselho consultivo e fiscal da Intercom; c) coordenadores de cursos de graduação e pós-graduação da área; d)

colegiados de cursos, faculdades e institutos universitários; e) diretórios acadêmicos e órgãos de representação estudantil das unidades de ensino e pesquisa da área; f) associações docentes e outras entidades corporativas atuantes na área; g) institutos de pesquisa, núcleos de estudos e entidades congêneres de natureza pára-universitária; h) grupos de pesquisadores constituídos, pelo menos por 10 pessoas, que assinares propostas de candidaturas; i) bolsistas da CAPES, CNPq, FAFESP e outras agências de fomento; j) outras entidades a critério do Júri.

O corpo de jurados será constituído inicialmente pelos ex-presidentes da Intercom. A cada ano ele será acrescido por mais um integrante: o detentor do Prêmio Luiz Beltrão de Maturidade Científica. Compete ao júri, além da responsabilidade de escolher os premiados, a tarefa de estabelecer e rever o seu regulamento. A secretaria executiva do júri cabe ao presidente em exercício da Intercom.

Convocação das candidaturas

A convocação anual das candidaturas será lançada no dia 12 de dezembro, data de aniversário da Intercom. As inscrições serão realizadas durante os meses de março a maio do ano seguinte. O Júri se reunirá para apreciar as candidaturas, durante o mês de junho, fazendo uma pré-seleção e solicitando informações adicionais, quer diretamente aos candidatos indicados, quer junto às entidades que respaldam suas candidaturas. A decisão final será tomada em reunião a ser realizada durante o mês de agosto. O anúncio dos ganhadores do Prêmio

Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação será feito publicamente durante o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na assembleia anual dos sócios da entidade. A entrega dos prêmios será realizada em solenidade a ser efetuada no dia 12 de dezembro ou, se esta data coincidir com o fim de semana, na sexta-feira imediatamente anterior.

O prêmio será representado simbolicamente por um troféu em

material durável, reproduzindo o logotipo da Intercom, além de um diploma assinado pelo presidente do Júri e pelo presidente da Intercom. Poderá, ainda, ser complementado por quantia em dinheiro, passagem ou qualquer outro objeto, na hipótese de haver patrocinador interessado em associar-se à Intercom na outorga desse reconhecimento acadêmico.